

Materiais Audiovisuais na Sociedade e nas Bibliotecas Brasileiras

AUDIO VISUAL MATERIALS IN BRAZILIAN LIBRARIES

CAVAN MICHAEL McCARTHY *

MARIA DAS GRAÇAS TARGINO **

Materiais audiovisuais na sociedade e bibliotecas brasileiras. Problemas e elementos da definição do termo «materiais audiovisuais». Influência dos audiovisuais na sociedade. Constatação da pouca ênfase dada à incorporação dos materiais audiovisuais nas bibliotecas. Sugestões para amenizar a dicotomia sociedade audiovisual e bibliotecas predominantemente gráficas.

INTRODUÇÃO

A cultura brasileira é fundamentalmente audiovisual, assumindo os meios deste tipo de comunicação incontestável relevância entre o homem brasileiro. Isto porque é ele um elemento resultante da mistura de três raças,

* Ph.D. em Biblioteconomia, Universidade de Loughborough; Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba.

** Mestre em Biblioteconomia; Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí.

em que apenas a européia exercia domínio sobre a escrita. Entre os africanos e indígenas, registrava-se a presença constante do audiovisual. Ressalte-se que, ainda hoje, os habitantes do Xingu adotam a pintura corporal e a arte plumária como força de expressão vivencial, comunicando-se através do canto e da dança. Também na África observa-se a mesma incidência, em se tratando dos costumes da dança e do canto, apesar do emprego de tecnologia bem mais avançada do que a dos silvícolas do Brasil.

A influência de tais costumes sobre o brasileiro é bastante nítida, não apenas em manifestações folclóricas, como a capoeira e o canto dos repentistas, mas em atitudes do dia-a-dia, refletidas no gosto pela dança, música, vestuário em cores vivas, entre outros costumes. Porém, ao mesmo tempo em que se constata essa predominância dos canais audiovisuais na sociedade brasileira, nota-se que suas bibliotecas, independente da categoria (infantis, universitárias, especializadas etc), pouca ênfase têm dado à incorporação desses recursos às coleções. Constantemente, os administradores de biblioteca têm procurado justificar essa atitude face à escassez de recursos financeiros, que tem se constituído, realmente, em um sério problema a enfrentar. Contudo, presumidamente, o emprego de parte dos orçamentos em audiovisuais poderia atrair o público, o qual é denunciado pelos próprios bibliotecários por não possuir o hábito de freqüência às bibliotecas. A utilização mais acentuada dessas instituições forçaria o Poder Público a investir com maior seriedade nas bibliotecas.

Em suma, através de acervos mais diversificados e atraentes ter-se-ia maior número de usuários e, como decorrência, uma faixa mais significativa da população

exigindo dos órgãos governamentais recursos compatíveis à revitalização dessas centenárias entidades.

Diante do exposto, parece interessante analisar a presença dos materiais audiovisuais na sociedade e nas bibliotecas brasileiras com o intuito de avaliar a referida dicotomia.

DEFINIÇÃO DO TERMO

A princípio, é imprescindível abordar os problemas de conceituação do termo. A limitação de tipos de materiais, que devem ou podem ser incluídos no gênero dos recursos denominados **materiais audiovisuais**, tem originado vários estudos e, quanto à fixação da terminologia, também não são de simples resolução as divergências apresentadas pelos especialistas no assunto. Usam-se os termos *mídia* (ou **média**), **materiais audiovisuais**, **meios audiovisuais**, **materiais especiais**, **materiais não-impresos**, **materiais não-bibliográficos** e **multimeios**, para denominar estímulos similares.

Diante de tal fato, neste artigo, citar-se-á, como ponto de partida, a classificação adotada pela FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECARIOS. Seção de Bibliotecas Públicas (1976), desde que, ainda é a seguida por vários autores. Para eles, **materiais audiovisuais** são os que não podem prescindir de equipamento para audição ou visão. Compreendem discos, fitas magnéticas, filmes, diapositivos, diafilmes, vídeo-teipes, transparências, microformas.

Contudo, segundo a opinião dos autores deste trabalho, tal definição é inadequada no que diz respeito à inclusão do elemento **microformas**. Isto porque, quando o leitor utiliza a microforma, ele tem o mesmo relacionamento com o canal de comunicação, como durante a

leitura de um texto impresso. Em ambos os casos, a informação foi codificada através de símbolos alfabéticos e palavras.

Pelo mesmo raciocínio, ocorre a incorporação de **fotografias** na categoria materiais audiovisuais, porque sua consulta prescinde da codificação textual.

Cada definição dos materiais audiovisuais inclui uma conotação negativa, ou seja, o audiovisual não deveria ser livro, não deveria ser impresso, não deveria ser codificado através de caracteres alfabéticos. Nos Estados Unidos, adota-se o termo «**nonprint**»; entretanto, não é recomendável a adoção do termo correspondente no Brasil, porque não é de bom alvitre a conceituação de campos tão significativos através de negações.

Um outro aspecto observável é que os materiais audiovisuais sempre necessitam do emprego de instrumentos da tecnologia moderna. Esses podem variar desde elementos relativamente simples, como a máquina fotográfica, até vídeo-teipes, que exigem recursos tecnológicos avançados e complexos para a sua produção e uso.

Também é essencial para a categorização dos materiais audiovisuais a possibilidade de preservação. Assim, a fim de ser incorporado ao acervo, independente de ser ou não audiovisual, o material tem que existir de forma permanente ou semi-permanente. Exemplificando: um programa de rádio e/ou de TV, em si, não pode ser considerado material audiovisual, pois não tem vida permanente, a não ser que tenha sido preservado através de fitas magnéticas ou meios apropriados diversos.

Por outro lado, a biblioteca se responsabiliza pela preservação de textos em cópias múltiplas, enquanto os textos em exemplares únicos se destinam ao arquivo. Na área audiovisual, esta definição tem pouca relevância,

pois uma coleção de filmes abrangerá tanto os do cinema comercial em cópias múltiplas, como daqueles existentes em uma única cópia, tais como os produtos de cineclubes locais.

MATERIAIS AUDIOVISUAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A massificação das experiências é um produto altamente importante da sociedade audiovisual. Antigamente, os grandes acontecimentos (batalhas, morte de reis, etc.) levavam muito tempo para chegar ao conhecimento da maioria da população e os acontecimentos menores simplesmente permaneciam restritos aos meios locais. Hoje em dia, os eventos significativos são imediatamente divulgados entre os povos. Um dos exemplos mais notáveis se refere ao assassinato do Presidente John Fitzgerald Kennedy, em 1963, que logo foi transmitido para inúmeras localidades do continente de uma forma tão marcante, que é provável que muitos ainda se recordem onde estavam ou o que faziam, quando da divulgação daquela notícia.

Há uma série de outros exemplos, mas o certo é que, através dos audiovisuais, a população tem rápido acesso a informações a nível global. Assim, qualquer distúrbio de rua em uma cidade importante é televisionado e visto pela comunidade mundial no mesmo dia.

Até há poucos anos atrás, as artes plásticas e a música eram privativas de grupos minoritários. Exemplificando: era comum jovens ingleses das classes abastadas visitarem, durante um ano ou mais, monumentos e museus da Itália. Este **tour** integrava a educação desses indivíduos.

Atualmente, qualquer pessoa pode analisar as mesmas obras em casa, utilizando livros com ilustrações coloridas ou coleções de **slides**.

Acredita-se que os grandes compositores, como Mozart, Beethoven e outros, tiveram raras oportunidades de ouvir suas próprias sinfonias, as quais foram tocadas, no máximo, meia dúzia de vezes na sua presença. Nos tempos atuais, os amantes da música clássica podem comprar discos dessas obras e escutá-las à vontade.

Outra diferença bastante interessante entre a sociedade antiga e a audiovisual é que, reis, oficiais, imperadores etc., antigamente, adotavam formas de vestuário altamente distintivas. Hoje em dia, os líderes não mais precisam utilizar este tipo de recurso, visto que suas fisionomias já são largamente conhecidas, propiciando a identificação imediata. E, ao que parece, as autoridades que ainda não podem prescindir de trajes distintivos para ocasiões especiais, tais como: acadêmicos, oficiais da Marinha, dentre outros, não se sentem muito à vontade em seus trajes de gala.

Os líderes são conhecidos também porque seus rostos são amplamente divulgados por meios fotográficos. Deste ponto de vista, nota-se que a fotografia pode deixar de ser um simples retrato e se transformar em símbolo quase sagrado. Dizem que na China, durante a grande revolução cultural, qualquer ambiente incluía um retrato de Mao Tse Tung. Das centenas de milhões de pessoas que colocaram retrato desse líder nas paredes, somente uma proporção infinitésima poderia tê-lo visto pessoalmente. Ou seja, uma simples fotografia assume um relacionamento com as massas, idêntico ao de outros símbolos ideológicos, como a cruz, a bandeira, a estrela de Davi, etc. Pode-se até mesmo presumir que, nestes casos, o retrato exerce papel semelhante às imagens dos santos da Igreja Católica, pois concentram a atenção dos fiéis.

Recorreu-se a um exemplo da distante China, mas também no Brasil é habitual a colocação de retratos de autoridade nas repartições oficiais. Além disso, as organizações associativas, em geral, mantêm galeria de retratos dos seus ex-presidentes. Na realidade, não se pode relegar a importância da fotografia para a sociedade brasileira. Qualquer povoado, mesmo pobre e isolado terá um fotógrafo. O tradicional «lambe-lambe» tem condições de sobreviver em muitas localidades, ainda que como atração turística.

«A HORA da fotografia» (1980), artigo anterior à crise econômica, enfoca a adesão em massa à fotografia pelos brasileiros, como forma de lazer e criatividade. Nele, constata-se o aumento de 40% em consumo de filmes, por ano, com a utilização de 25 milhões de rolos. Também informa da existência de oito milhões de máquinas fotográficas, ou seja, uma para cada 15 pessoas.

Outro aspecto importante é a segurança proporcionada pelos materiais audiovisuais. Eles permitem que o público participe indireta e visualmente de atividades muito perigosas, como paraquedismo, asa delta, corridas automobilísticas, alpinismo, dentre outras, na mais completa segurança.

Também o local onde as experiências são vivenciadas é sempre considerado seguro. No caso da televisão, em geral, assistida no lar, isto é bastante óbvio. Mas é interessante observar que uma sessão de cinema, onde passam-se duas a três horas, no escuro, entre desconhecidos, sem policiamento, é também considerada, popularmente, como uma experiência livre de riscos.

Outro efeito de grande relevância dos materiais audiovisuais, sobretudo a TV, na atual conjuntura brasileira, é o nivelamento entre as classes sociais privile-

giadas e as desfavorecidas, e entre a população urbana e a rural. (Ressalte-se que, no Nordeste brasileiro, nesta época, existem apenas dois ou três canais de TV).

O gerente e os serventes de uma mesma indústria têm pouco em comum. Utilizam roupas, comidas, transportes, serviços médico e hospitalares, escolas, domicílios, formas de lazer bastante diferentes. Porém, depois do serviço, todos sentam-se à frente da televisão e assistem aos mesmos programas. Dizem que o Jornal Nacional da TV Globo é visto por cerca de 40 milhões de pessoas. Isto se constitui em um dado que, decerto, seria imediatamente citado para comprovar o controle da informação e a falta de democracia, se o Brasil fizesse parte do bloco socialista.

Na realidade, pode-se afirmar a quase onipresença da televisão no Brasil, desde que 54% dos domicílios possuem aparelhos de televisão, o que corresponde a 14 milhões de receptores (KUPFER & SERRANO, 1980).

Entre todos os mecanismos complexos, a televisão é o de maior impacto na sociedade, apesar de ter sido inventada nos anos 30 e introduzida no País somente ao final dos anos 40. É também necessário ressaltar que a televisão é um meio ainda em franca expansão, sobretudo através do vídeo-teipe, recurso que promete revolucionar os hábitos de lazer do homem brasileiro. Até dois ou três anos atrás, os aniversários infantis eram celebrados com festas tradicionais. Agora, há uma nítida tendência para substituí-las pela apresentação para as crianças de vídeo-teipes especiais. Até mesmo nos motéis, o vídeo-teipe trouxe um aumento na utilização da televisão.

Outros recursos tecnológicos estão surgindo no meio televisionado, tais como: televisão miniaturizada, televisão

de alta definição, televisão em estéreo, televisão através do cabo. É certo que a tela deixará de ser um recurso limitado para se tornar num centro de lazer e informação da família, acoplado a teipes, computadores, jogos.

Sistemas de teletextos ou vídeo-textos associados à televisão, com base de dados computarizados como meio de pesquisa, ao alcance de qualquer usuário, modificarão profundamente os hábitos informacionais tanto do público quanto dos bibliotecários, porque têm capacidade de armazenar, divulgar e atualizar instantaneamente quantidades significativas de informação. É provável, por exemplo, que sistemas deste tipo passem a ser o veículo mais comum para informações sobre cinemas, transportes, vendas imobiliárias, etc.

MATERIAIS AUDIOVISUAIS NAS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS

Porém, mesmo diante da proliferação dos meios audiovisuais na sociedade brasileira, os bibliotecários e bibliotecas estão distanciados desta realidade.

Serve como comprovação marcante da dissociação do bibliotecário em suas atuações profissional e pessoal um levantamento informal, cujos dados não tinham sido até então publicados, conduzidos por McCARTHY em 1981. Dentre dezesseis bibliotecários, cursando a disciplina «Utilização de Multimeios nas Bibliotecas Infanto-Juvenis» do «Curso de Especialização em Organização de Bibliotecas Infanto-Juvenis e Escolares», ministrado pela Universidade Federal de Pernambuco, apenas três dispunham de materiais audiovisuais em suas instituições, apesar de, como demonstrado na Tabela 1, possuírem, em grande escala, diferentes tipos de audiovisuais em suas residências ou carros.

TABELA 1

Materiais audiovisuais pertencentes a bibliotecários do «Curso de Especialização em Organização de Bibliotecas Infanto-Juvenis e Escolares» da UFPe em 1981.

CLASSIFICAÇÃO DOS MATERIAIS AUDIOVISUAIS	Nº	%
Aparelho de TV colorido	11	68,75
Aparelho de TV em preto e branco	04	25,00
Gravador (na residência)	13	81,25
Gravador (no carro)	07	43,75
Máquina fotográfica	14	87,50
Projeter de filme	01	6,25
Projeter de slide	06	37,50
Rádio (na residência)	16	100,00
Rádio (no carro)	09	56,25
Toca-discos	15	93,75
TOTAL	96	

FONTE: Dados do levantamento informal realizado por McCARTHY na UFPe em 1981.

A média de material por bibliotecário foi de seis, sendo que dos dez tipos de materiais audiovisuais arrolados, oito atingiram percentuais mais elevados que 30%. Verificou-se também a predominância do rádio (100%) e dos receptores de TV (93,75%).

Acredita-se que não tenha havido mudança institucional significativa nestes três últimos anos. Porém, face à disseminação crescente dos meios de comunicação de massa, é possível que, dentre um grupo semelhante, atualmente, pelo menos duas ou três pessoas tenham vídeo-teipes em casa.

Também a consulta ao «ABCD: RESUMOS & SUMÁRIOS; Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação — v. 1 e v. 2», obra de referência bastante difundida entre os bibliotecários para recuperação de material informacional brasileiro, demonstra o quão relegado tem sido o tópico **materiais audiovisuais**. Paradoxalmente, o número de referências que tratam de temas, como a disseminação seletiva da informação (DSI) e automação, os quais pressupõem bibliotecas desenvolvidas (o que só é possível mediante coleções diversificadas), é bastante elevado, conforme demonstra a Tabela 2.

TABELA 2

Citações de verbetes no ABCD — v. 1 (1980) v. 2 (1981)

NÚMERO DE CITAÇÕES ESPECIFICAÇÃO DOS TEMAS	N ^o		TOTAL
	V. 1	V. 2	
Automação/Computação	59	37	96
Disseminação seletiva da informação DSI/SDI	48	48	96
Audiovisuais/Mídia (Média)/Materiais audiovisuais/Materiais especiais Materiais não-impressos / Mate- riais não bibliográficos / Multi- meios	15	08	23

FONTE: Dados do levantamento feito por McCARTHY e TARGINO em 1983.

Observa-se que em contraste com a similariedade de resultados no que tange aos temas — automação e DSI — com 96 citações cada, o número de vezes em que aparece o termo audiovisuais ou similar, é de apenas 23.

Os resultados e discussão da pesquisa de TARGINO (1983), visando analisar o conceito de biblioteca na concepção de usuários efetivos ou potenciais, demonstrou também que há uma acentuada tendência, ainda que nos tempos atuais, para a vinculação imediata biblioteca/livro, em detrimento de outros tipos de materiais.

Os livros constituíram uma das dimensões mais citadas pelos informantes da referida investigação, ao tentarem definir biblioteca, atingindo 89,5%, em contração ao irrisório percentual de 0,51% concernente ao tópico materiais audiovisuais.

Dentre os motivos que podem justificar tal resultado, segundo a mesma autora, está a hegemonia assumida pelo livro, durante longo tempo. Isto porque, embora as publicações periódicas tenham aparecido no século XVIII, apenas no século XX se cristalizaram no jornal diário e na revista ilustrada de caráter geral (ESCOLAR SOBRI-NO, 1977).

Também a etimologia do termo «**biblioteca**» (do gr: *biblion* — livro; *theke* — caixa, cofre, armazém) e o próprio ensino da língua portuguesa (*biblioteca* — coletivo de livros) reforçam a relação biblioteca/livro, acentuada ainda mais, em face de, tanto no exterior como no Brasil, o livro continuar a ser o material predominante na maioria das bibliotecas. Aliado a tudo isto, TARGINO, em seu estudo, comprovou que o conceito de biblioteca tem sempre como precursor o conceito de livros.

Levantando dados para sua tese de doutorado, McCARTHY (1982) solicitou a 86 bibliotecários ocupando cargo de chefia em bibliotecas brasileiras de diversos tipos, que não utilizam computador, e localizadas nas diferentes regiões do Brasil, para hierarquizar as atividades às quais eles dariam prioridade.

Os resultados dispostos na Tabela 3 mostram uma nítida preocupação com as ocupações tradicionais da

biblioteca e pouquíssima atenção para o uso de materiais audiovisuais, colocado no último lugar de preferência.

TABELA 3

Atividades prioritárias * para administradores de bibliotecas brasileiras

(N = 86)

ATIVIDADES	INFORMANTES	
	Nº	%
Serviços de referência e informação	78	90,70
Seleção e aquisição de livros	65	75,69
Coleção de periódicos	46	53,50
Cooperação com outras bibliotecas	40	46,50
Catálogo e classificação de livros	38	44,20
Circulação	38	44,20
Indexação de periódicos	38	44,20
Cooperação com sistemas de informação automatizados	32	37,20
Uso do computador	18	20,90
Uso dos materiais audiovisuais	10	11,60

* Cada informante poderia selecionar até 5 alternativas.

FONTE: McCARTHY, Cavan Michael. *The automation of libraries and bibliographic information systems in Brazil*. Loughborough, 1982. 323 p.

A mesma pergunta foi feita aos chefes e analistas de sistemas em bibliotecas e sistemas de informação automatizados, do Brasil, obtendo-se resultados quase idênticos, continuando materiais audiovisuais como o último colocado.

Uma possível explicação para este quadro é bastante óbvia. Nos países onde os materiais audiovisuais existem

em quantidade significativa nas bibliotecas, as bibliotecas escolares exercem importante função na disseminação dos audiovisuais.

Por exemplo, nos Estados Unidos, segundo dados da NATIONAL COMMISSION ON LIBRARIES AND INFORMATION SCIENCE (1978), há cerca de 150 milhões de itens audiovisuais (discos, filmes, cassetes, etc.) distribuídos em bibliotecas. Deste total, dois terços (100 milhões) estão locados em bibliotecas escolares, geralmente denominadas de «centro de recursos» ou «centro de meios». Nelas, cerca de 15% dos seus materiais são audiovisuais.

Em contraposição, no Brasil, a denominação «bibliotecas escolares» tem sido usada, algumas vezes, sem nenhum critério, para designar uma estante com alguns livros, disposta num canto qualquer do educandário. Assim, além do número reduzido de verdadeiras bibliotecas escolares, é incontestável a situação precária destas instituições, tanto a nível de recursos humanos, como materiais e financeiros, conforme relatado por estudiosos do assunto.

Por outro lado, considerando cinco anos a vida média do item audiovisual, as bibliotecas norte-americanas necessitam repor 20 milhões de itens, anualmente, apenas para manter o acervo estável, sem contar com sua ampliação. Como decorrência, os produtores destes materiais têm um mercado amplo e garantido, sendo comum a produção de inúmeros audiovisuais específicos para escolares.

No caso deste País, o mercado audiovisual é muito limitado, sendo necessário que as próprias bibliotecas assumam a produção de recursos audiovisuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que tudo indica, a sociedade do futuro será largamente audiovisual. É preciso, pois, conciliar as diferentes tendências da sociedade e aproveitar melhor as possibilidades positivas oferecidas pelos meios audiovisuais. Isto significa que a sociedade audiovisual não será simplesmente constituída de espectadores, porque se nota, hoje, uma forte tendência de utilização dos audiovisuais de modo criativo e imaginativo. Assim é que a classe média fotografa, faz filmes super-8, interessa-se por música em alta fidelidade e já começa a adquirir câmaras de vídeo.

Por outro lado, mesmo no papel de espectador, o indivíduo participa de uma grande diversidade de experiências: assistindo a várias modalidades de esportes transmitidas ao vivo de diversos países, escutando músicas de diferentes nacionalidades, assistindo a filmes nacionais e estrangeiros, tomando conhecimento de notícias oriundas do Oriente Médio, Nova Iorque e Londres.

Esta variedade em si deveria prevenir o cidadão contra os excessos do totalitarismo. O fato de o indivíduo estar em permanente contato com o mundo audiovisual e com diferentes sociedades dificulta aos seus líderes tomar decisões muito diferenciadas das adotadas por outras nações. É difícil um país vestir-se de uniformes fascistas, quando seus habitantes têm condições de observar que a situação não mudou fora de suas fronteiras. Por este motivo, uma das primeiras medidas dos regimes totalitários é bloquear os meios de comunicação. Tudo isto, provavelmente, vai modificar o conceito de comunidade, o qual está em franca evolução há várias décadas.

Anteriormente, a comunidade se limitava a pessoas que residiam numa mesma localidade, com interesses e

dificuldades semelhantes. O crescimento das cidades e a melhoria dos sistemas de transporte permitiram a formação de comunidades, em que seus membros partilhavam dos mesmos interesses, ainda que morando distante. Times de futebol de salão, grupos de super-8, corais, grupos religiosos e grupos profissionais especializados constituem exemplos.

Nos Estados Unidos, tais «comunidades» ou «grupos de interesse» têm proliferado, mesmo diante de distâncias geográficas significativas. Há grupos interessados em poesia marginal, em coleções de latas de cerveja, em criação de orquídeas, dentre outros. Comunicam-se entre si, através de cartas, telefonemas, periódicos especializados, telex, rádio amador e outros meios, encontrando-se, talvez, uma vez por ano, em congressos específicos.

É possível que as comunidades do futuro se comuniquem através de meios eletrônicos, o que vai ocasionar a transformação do conceito de comunidade, mas não o seu desaparecimento.

Em se tratando do livro, apesar de vir se constituindo profecia popular entre comunicólogos sensacionistas, os autores deste trabalho não acreditam na «morte do livro». É importante ressaltar que, uma vez estabelecidos, os canais de comunicação quase nunca se fecham. Ou seja, o desenvolvimento tecnológico modifica o canal, mas sem fechá-lo.

Na pré-civilização, pintava-se nas cavernas. Hoje em dia, nas paredes, colocam-se quadros e posters e, nos muros, são feitas pichações. Artistas de Recife-PE, formaram a «**Brigada Portinari**» para pintar murais políticos, quando das eleições brasileiras de 1982.

A fotografia teve sua origem na daguerrotipia, logo abandonada, pois utilizava substâncias tóxicas e não usava negativos.

O negativo de vidro foi, por sua vez, substituído por elementos mais fáceis de manusear e a fotografia agora, se empenha na acomodação do filme em embalagens mais práticas, como cassetes e discos. Porém, durante todo este processo em que a fotografia cresceu em popularidade, seus princípios básicos permaneceram.

O teatro é uma atividade milenar que tem resistido à concorrência do cinema e da televisão, sendo difícil profetizar seu desaparecimento.

O livro é um recurso altamente eficiente de armazenar e divulgar a informação. Utiliza materiais recicláveis. Pode ser produzido tanto artesanalmente, como através da tecnologia moderna. Prescinde de eletricidade ou condições especiais para sua armazenagem e uso. Nestas circunstâncias, é fora da realidade apontar o livro como um canal de informação que vai desaparecer, haja vista, sobretudo, as estatísticas mundiais. Estas acusam o crescimento da produção do livro de uma forma bastante significativa.

Considerando-se o exposto e o fato de que este trabalho está condicionado a certas delimitações, sugere-se a realização de uma pesquisa para identificar as causas da falta e/ou escassez de recursos audiovisuais em bibliotecas brasileiras e da aparente falta de interesse dos bibliotecários nessa área.

É também recomendável que as bibliotecas incentivem a criação interna de audiovisuais com a participação efetiva dos usuários. Este processo não iria custar mais caro do que a experimentação com automação, conduzida, atualmente, por muitas bibliotecas brasileiras. Ao mesmo tempo, as possibilidades de venda do produto final são maiores. Esta produção interna também permitiria a formação ou estreitamento de ligações com grupos produtores, tais como: centros de recursos audiovisuais,

grupos de superoitistas, e, em futuro próximo, grupos interessados em vídeo.

Além disto, é necessário incentivar a instalação de auditórios e/ou salas especiais nas diferentes bibliotecas, visto que propiciarão estreitar a relação entre bibliotecas e grupos comunitários.

Finalmente, é mister ressaltar o papel potencial do bibliotecário na preservação da memória nacional audiovisual. A cultura nacional não está restrita a registros gráficos, abrangendo todo e qualquer tipo de documentação que contenha dados sobre a vida em sociedade, em um determinado período histórico. Por este motivo, é essencial conservar fotografias, vídeo-teipes, revistas ilustradas, discos, filmes, fitas, etc.

No entanto, o Brasil não tem tido êxito neste aspecto. Pode-se citar, entre centenas de possíveis exemplos, o extravio, por um museu, de 300 mil fotografias sobre o Rio de Janeiro, o que equivalia a 75% do arquivo do pioneiro Augusto César Malta (RESGATE do século, 1980).

Segundo informações contidas no artigo «UMA MEMÓRIA CURTA» (1980), a TV Tupi documentou, mensalmente, todas as etapas da construção de Brasília, da primeira missa à inauguração. As fitas foram destruídas por falta de espaço.

Nos casos bem sucedidos de preservação, como os arquivos fotográficos da Light e da Polícia Técnica de São Paulo, é provável que os responsáveis pela recuperação não fossem bibliotecários.

Pode-se argumentar que isto não é responsabilidade específica do bibliotecário, o que demonstra uma visão limitada da função social desta profissão. Até mesmo, nas áreas de atuação própria dos bibliotecários têm-se registrado falhas de grande dimensão. Revistas antigas, como «Fon-Fon» e «Careta» não foram preservadas e

até mesmo seus descendentes, como «**Realidade**» e «**Veja**» têm sido dispersadas, quando adquiridas.

O bibliotecário pode assumir papel de grande relevância na memória nacional audiovisual, o que não pode prescindir de maior atenção e sensibilidade para o desenvolvimento dos audiovisuais. Só então, o bibliotecário brasileiro poderá contribuir ainda mais para a cultura brasileira.

Audiovisual materials in Brazilian libraries and society. Problems and elements in the definition of the term «audiovisual materials». The influence of audiovisual materials on society. Indications of the lack emphasis given to the incorporation of audiovisual materials in libraries. Suggestions to solve the dichotomy between an audiovisual society and predominantly book-based libraries.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABCD: RESUMOS E SUMÁRIOS; Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação. Brasília, MEC/CAPES, ABDF, 1980.

BOYLE, Deirdre. Preserving broadcast history. *American Libraries*, Chicago, **8** (9): 515-6, Oct. 1977.

ESCOLAR SOBRINHO, Hipólito. *História do livro em cinco mil palavras*. São Paulo, Quíron, 1977. 45 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. Seção de Bibliotecas Públicas. *Normas para bibliotecas públicas*. São Paulo, Quíron, 1976. 52 p.

GOFF, Martyn. Futures. *New Library World*, London, **82** (974): 141-3, Aug. 1981.

A HORA da fotografia. *Veja*, São Paulo, (595): 40-5, 30 jan. 1980.

KUPFER, José Paulo & SERRANO, Luiz Roberto. A Reforma da TV. *Isto É*, São Paulo, (188): 64-70, 30 jul. 1980.

McCARTHY, Cavan Michael. Achievements and objectives in Brazilian librarianship. *Int. Lib. Rev.*, London, 15 (2): 131-45, 1983.

_____. **The automation of libraries and bibliographic information systems in Brazil.** Loughborough, 1982. 323 p. (Tese de Doutorado).

UMA MEMÓRIA curta. *Veja*, São Paulo, (595): 65-6, 30 jan. 1980.

MUSEU de Fotografia e Criminalística. *Photo Câmera*, Rio de Janeiro, 1 (5): 14-5, 1980.

NATIONAL COMMISSION ON LIBRARIES AND INFORMATION SCIENCE. **Our nation's libraries: an inventory of resources & needs.** Washington, 1978. 16 p.

RESGATE do século. *Veja*, São Paulo, (612): 84-5, 28 maio 1980.

TARGINO, Maria das Graças. **A biblioteca na concepção de de escolares: influência de variáveis do ambiente escolar.** João Pessoa, 1983. 187 p. (Dissertação de Mestrado).